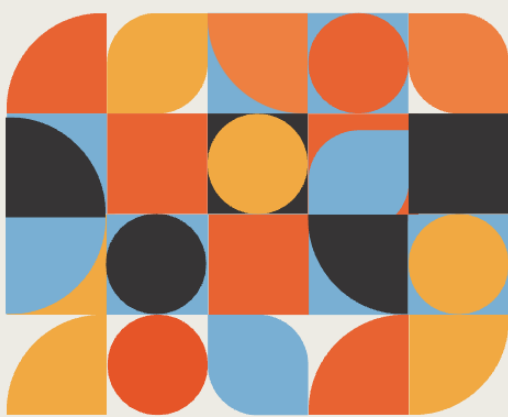




O ARTESANATO ENTRA NA MODA: A MEMÓRIA DO FIO E A PRESERVAÇÃO CULTURAL DO CROCHÊ NA MODA *SLOW FASHION*

Craftsmanship Enters Fashion: The Thread's Memory and the Cultural Preservation of Crochet in Slow Fashion

Borba, Gabrielle; Bacharela em Moda; Universidade Feevale, gabrielledeborba_@hotmail.com¹
Hoffman, Ana Cleia Christovam; Doutora em Educação; Universidade Feevale, hofana@gmail.com²

Resumo: Na mitologia, o fio representa a vida; na moda, é matéria-prima de técnicas manuais como o crochê. Este artigo investiga, por meio de revisão bibliográfica e abordagem narrativa, como o crochê expressa memória, identidade cultural e sustentabilidade. Analisa sua história e relevância atual na moda, destacando seu papel cultural e familiar alinhado ao *slow fashion*. O crochê é ferramenta de empoderamento e inovação.

Palavras chave: Crochê; Memória; *Slow fashion*.

Abstract: In mythology, the thread represents life; in fashion, it is the raw material of manual techniques like crochet. This article investigates, through bibliographic review and narrative approach, how crochet expresses memory, cultural identity, and sustainability. It analyzes its history and current relevance in fashion, highlighting its cultural and family role aligned with slow fashion. Crochet is a tool for empowerment and innovation.

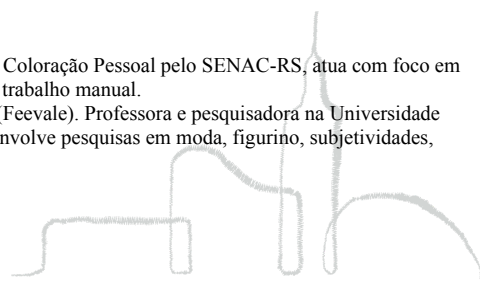
Keywords: Crochet; Memory; Slow Fashion.

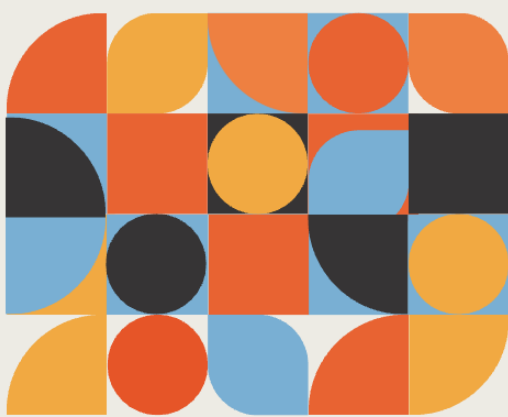
Introdução

Na moda, o fio ultrapassa sua função prática: representa uma presença simbólica e material, sendo base do tecido e das técnicas manuais como crochê, tricô, bordado e macramê, que transformam a matéria em criações singulares. Enquanto elemento simbólico, o fio também aparece na mitologia: o novelo de Ariadne

¹ Pós-graduanda em Moda, Comportamento, Cultura e Tendências pela PUC-RS. Formada em Personal Stylist e Coloração Pessoal pelo SENAC-RS, atua com foco em identidade cultural, memória afetiva e sustentabilidade. É idealizadora da marca *Noemia*, voltada ao crochê e ao trabalho manual.

² Doutora e mestra em Educação (UFRGS), especialista em Pedagogia da Arte e bacharela em Design de Moda (Feevale). Professora e pesquisadora na Universidade Feevale, atua no curso de Moda e no Programa de Pós-graduação em Processos e Manifestações Culturais. Desenvolve pesquisas em moda, figurino, subjetividades, cultura visual e poéticas do vestir. Atua como performer e figurinista.





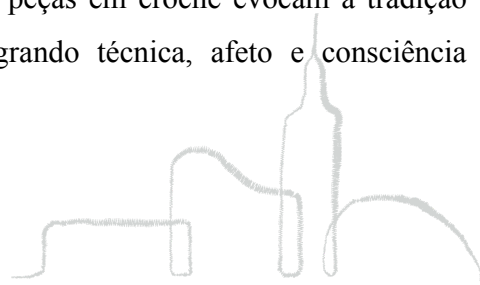
representa libertação; as Moiras, fiando o destino, evocam o controle sobre a vida; e Penélope, com seu tear, resiste ao tempo e às imposições sociais. Esses mitos revelam os laços que moldam identidades e trajetórias ao longo do tempo.

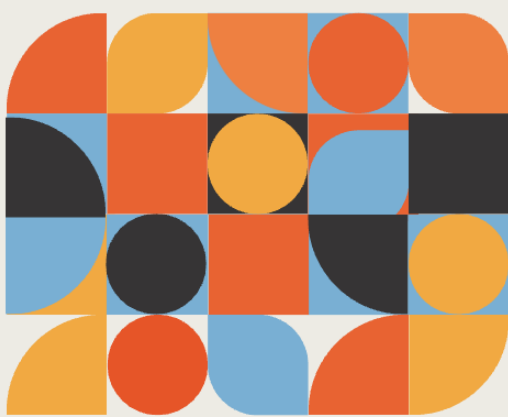
A conexão entre o fazer manual e a construção de memórias também se manifesta em práticas culturais familiares. A experiência da autora com o crochê, aprendida com sua avó Noemia, motivou a criação da marca *Noemia*, que propõe um resgate afetivo e sustentável do crochê na moda contemporânea. Cada peça carrega saberes tradicionais e uma proposta estética alinhada ao *slow fashion*.

Este artigo investiga de que forma técnicas manuais, como o crochê, fortalecem a conexão entre memória e identidade cultural. O objetivo é apresentar um panorama da história do crochê e refletir sobre sua presença na moda atual, considerando seu papel na promoção de práticas sustentáveis e na valorização de narrativas culturais. Fruto do Trabalho de Conclusão de Curso em Moda (2024), o artigo adota revisão bibliográfica (Prodanov e Freitas, 2013) e abordagem narrativa (Ellis; Adams; Bochner, 2011), integrando vivências e teoria. O crochê é pensado como fio entrelaçando identidade, cultura e sustentabilidade.

Memória afetiva e o fazer manual na trajetória da autora

Desde a infância, a autora esteve em contato com o universo das artes manuais por meio de sua avó paterna, figura central em sua formação afetiva e estética. Cresceu observando-a produzir com as próprias mãos, especialmente no crochê, prática que marcava o cotidiano com delicadeza, ritmo e significado. Nesse contexto, o crochê ultrapassava o artesanato: era linguagem silenciosa de cuidado, presença e vínculo. A perda da avó, em junho de 2023, representou um momento de dor, mas também de transformação. No início de 2024, durante a finalização da graduação e elaboração do projeto de coleção, surgiu a ideia de criar a marca *Noemia*, não apenas como homenagem, mas como forma de ressignificar essa ausência por meio de uma proposta criativa e afetiva. A *Noemia* nasce como extensão de uma memória afetiva e cultural. As peças em crochê evocam a tradição familiar, mas são reinterpretadas com um olhar contemporâneo, integrando técnica, afeto e consciência ambiental.





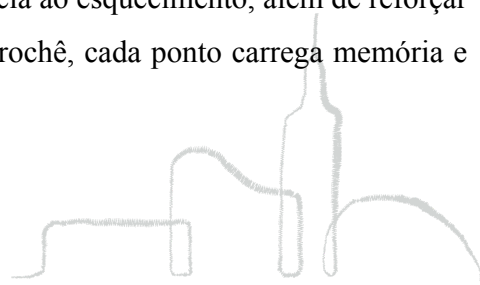
Inserida no movimento *slow fashion*, a marca valoriza a singularidade de cada peça, o tempo do fazer manual e a conexão entre criador e consumidor. Essa trajetória se articula com os conceitos de memória coletiva, conforme Halbwachs (1990), ao mostrar como vínculos afetivos e práticas herdadas moldam identidades e escolhas criativas. A marca também expressa a ideia de que a moda pode ser um espaço de elaboração simbólica da perda, transformando o luto em gesto poético, como sugere Stallybrass (2008), ao afirmar que os objetos carregam memória e sentido. O crochê, nesse contexto, torna-se ferramenta de resistência, pertencimento e preservação cultural.

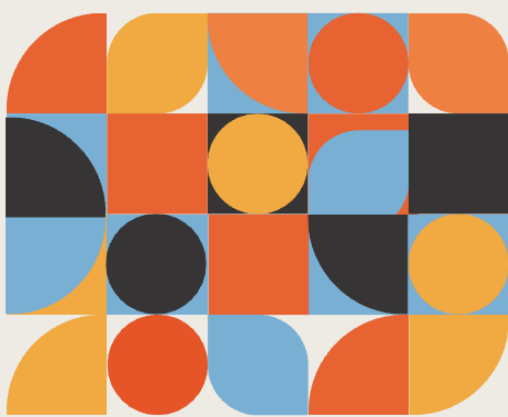
Aparições míticas do fio tecendo narrativas

O fio, como símbolo, aparece com frequência na mitologia grega, servindo como metáfora para destino, resistência e conexão. No mito de Ariadne, um novelo entregue a Teseu representa orientação e salvação diante do caos do labirinto. Já nas Moiras, o fio da vida é manipulado por três deusas que determinam nascimento, duração e fim da existência. Penélope, por sua vez, usa o tear para resistir ao casamento forçado enquanto espera Ulisses, desmanchando, à noite, o que tecia durante o dia, gesto que simboliza a resistência feminina e o controle sobre o próprio destino (Atwood, 2005).

As narrativas que envolvem o ato de fiar e tecer atribuem a esses gestos o poder simbólico de moldar a vida. Nesse contexto, Stallybrass (2008) argumenta que as roupas, assim como os fios, funcionam como repositórios de memória, pois absorvem experiências humanas e carregam significados afetivos e simbólicos. Segundo ele (2008, p. 14), “a roupa é um tipo de memória”, o que se conecta diretamente ao valor do feito à mão, como no crochê.

A memória, segundo Halbwachs (1990), é social e coletiva, construída a partir dos vínculos e contextos compartilhados. Assim, os fios do crochê entrelaçam lembranças pessoais e tradições culturais, funcionando como um elemento que representa a construção de identidade e da resistência ao esquecimento, além de reforçar a ideia de que o fio é símbolo de conexão entre passado e presente. No crochê, cada ponto carrega memória e reforça vínculos sociais.





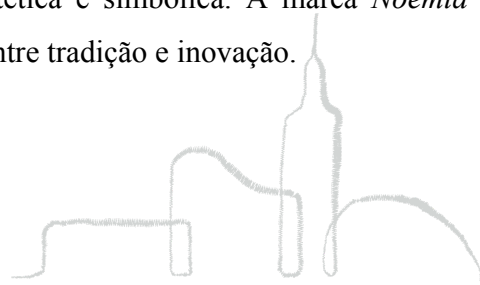
Entre fios e memórias: relembando a história do crochê

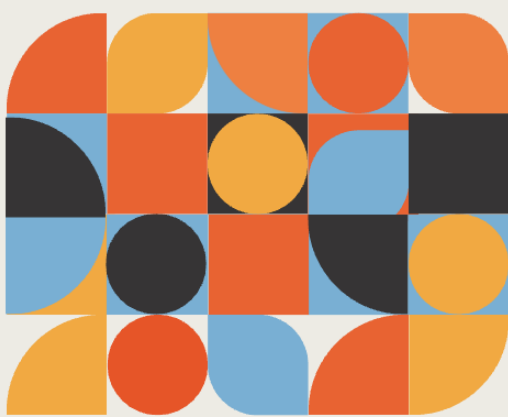
A origem do crochê é incerta, com hipóteses apontando para a China, o Oriente Médio e a América do Sul, mas seu formato moderno se consolidou na Europa do século XIX. A técnica ganhou destaque por sua praticidade e por substituir rendas luxuosas, tornando-se uma alternativa econômica durante períodos de crise, como a Grande Fome na Irlanda (Paludan, 1995).

No contexto familiar da autora, o crochê foi transmitido pela avó Noemia, transformando-se de um aprendizado técnico em uma prática afetiva. Mais do que criar peças, esse ato envolvia trocas, histórias e valores. O crochê se tornou elo entre gerações, agora reinterpretado na marca *Noemia* como expressão de memória, tradição e inovação.

Durante a Revolução Industrial e os períodos de guerra, o crochê resistiu à mecanização do trabalho fabril e atuou como gesto coletivo de apoio aos soldados (Leite, 2015; Sweatman, 2019). Segundo Stallybrass (2008, p. 15), os objetos artesanais, como roupas e peças de crochê, são carregados de sentido, conectando memória, afeto e identidade: “as coisas adquirem uma vida própria [...] absorvem significado simbólico”. Assim, o crochê, mesmo em tempos modernos, preserva essa potência simbólica.

A prática também se consolidou no Brasil como um dos ofícios manuais mais difundidos, sendo reconfigurada regionalmente. Felippi (2021) destaca a diversidade de pontos e estilos no país, refletindo um saber vivo e adaptável. Já Ferreira (2013) relembra que o uso de agulhas remonta ao período paleolítico, marcando a necessidade humana de proteção e, posteriormente, de expressão estética. As práticas culturais, como o crochê, refletem estruturas sociais e sentimentos de uma época, conforme argumenta Williams (1977). No caso da avó Noemia, o crochê era também um gesto de cuidado e solidariedade, como evidenciado nos sapatinhos feitos para crianças com câncer, exemplo de como o artesanato se torna gesto social e afetivo. O crochê não apenas sobreviveu, mas se reinventou como linguagem estética e simbólica. A marca *Noemia* representa essa continuidade, preservando a memória como fio condutor entre tradição e inovação.





Quando o artesanato entra na moda

O artesanato é uma expressão cultural que preserva a memória coletiva e, ao mesmo tempo, dialoga com o mercado atual. Segundo Silva (2011), ele deve ser compreendido não apenas como produção manual, mas como bem simbólico e socialmente significativo. A incorporação do artesanato à moda evidencia essa dupla dimensão: tradição e inovação.

No campo da moda, técnicas como o crochê são resgatadas por marcas e designers que veem na manualidade uma resposta à padronização do *fast fashion*. Marcas como Missoni, Etro e Osklen elevam o crochê ao reinterpretá-lo com uma linguagem estética atual. Mais do que tendência, essas práticas revelam um movimento de valorização do feito à mão e da identidade cultural (Hoffmann, 2024).

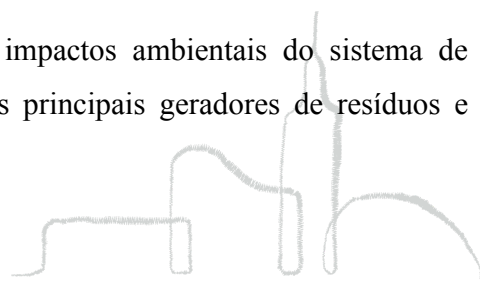
Hall (2006) afirma que a identidade cultural é fluida e construída em meio a deslocamentos e traduções. O crochê, ao ser reinserido na moda, simboliza essa dinâmica: é uma linguagem que se transforma sem romper com suas raízes. O movimento “yarn bombing”, por exemplo, usa o crochê e o tricô como forma de ativismo e intervenção urbana, aproximando o artesanal do político (Myzelev, 2015).

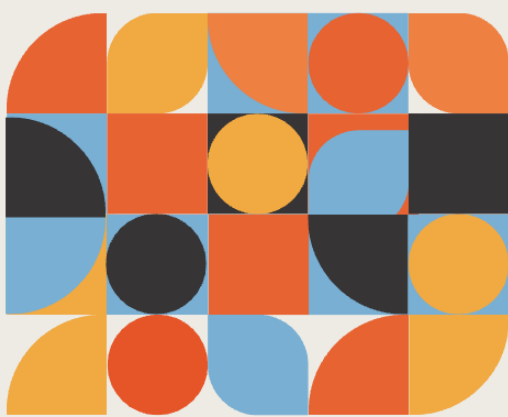
No Brasil, marcas como Nannacay, Santa Resistência, Studio Orla e o Projeto Ponto Firme reforçam o vínculo entre artesanato, inclusão social e moda autoral. A Nannacay, por exemplo, trabalha com comunidades latino-americanas e insere o crochê no mercado de luxo. Já o Projeto Ponto Firme, de Gustavo Silvestre, ensina crochê a detentos, ressignificando o fazer manual como ferramenta de transformação e reintegração social.

Esses exemplos mostram que o crochê é mais do que uma técnica: é um canal de narrativa cultural e resistência. A moda torna-se, assim, um espaço de diálogo entre o passado artesanal e as exigências éticas e estéticas da atualidade.

Práticas manuais e a resposta aos impactos ambientais

A valorização do artesanal na moda surge como resposta aos impactos ambientais do sistema de produção em massa. O modelo *fast fashion* é apontado como um dos principais geradores de resíduos e





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

poluição, além de incentivar o consumo descartável (Gregori; Maier, 2023). Diante disso, o crochê emerge como símbolo de uma produção mais lenta, consciente e conectada com valores sustentáveis.

Berlin (2012) defende que a moda deve considerar o ciclo de vida dos produtos e os limites do planeta. O crochê, por sua durabilidade e singularidade, alinha-se aos princípios do *slow fashion* e da economia circular. Cada peça feita à mão carrega não apenas estética, mas também tempo, afeto e responsabilidade ambiental.

Essas questões vêm ganhando força no ensino de moda. Troiani, Sehnem e Carvalho (2022) destacam a inclusão de sustentabilidade, biodegradabilidade e ética nos currículos. Isso contribui para a formação de profissionais mais críticos e preparados para inovar em um mercado em transformação.

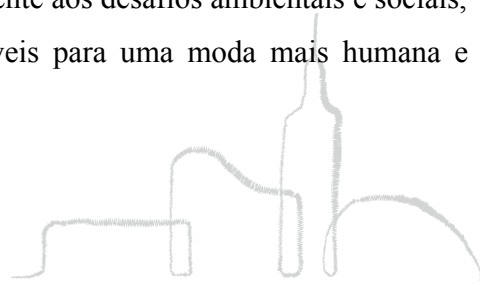
Gregori e Maier (2023) reforçam que a transição para modelos sustentáveis exige uma mudança cultural, não apenas técnica. Nesse cenário, o crochê resiste ao descarte e recupera o valor do tempo, da autoria e da permanência, de modo a desafiar a obsolescência programada e o imediatismo do consumo.

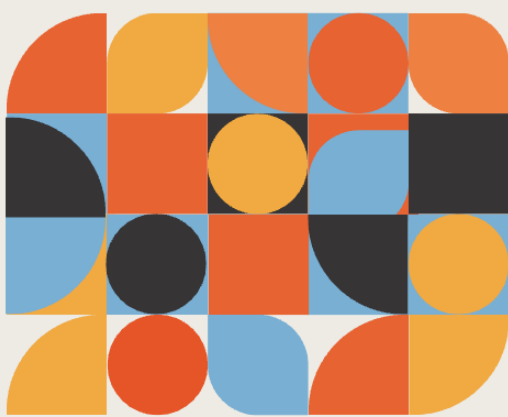
A crítica de Stallybrass (2008) ao capitalismo aponta para a desvalorização das práticas manuais em prol da produção industrial, destacando a importância de recuperar saberes como o crochê. Ao recuperar técnicas como essa, a moda propõe um reencontro com o local, o singular e o afetivo. Trata-se, pois, de valorizar não só o produto final, mas o processo, a história e a identidade envolvidas.

No Brasil, a cadeia têxtil completa possibilita a convivência entre o industrial e o artesanal. O crochê ocupa um lugar estratégico nesse contexto: promove a autonomia de pequenos produtores, preserva tradições locais e oferece uma alternativa ética e sustentável à lógica industrial dominante.

Além disso, práticas como o crochê promovem a valorização do tempo e da autoria, aproximando consumidor e criador. Em vez de adquirir uma peça impessoal e descartável, o consumidor se conecta com uma produção que carrega histórias e identidades. Essa resignificação do vestuário se configura como uma das formas mais potentes de resistência cultural frente à homogeneização da moda.

Assim, o crochê e outras técnicas manuais reafirmam a importância de uma moda com propósito, que não apenas veste, mas também comunica valores e preserva memórias. Frente aos desafios ambientais e sociais, as práticas artesanais se consolidam como caminhos viáveis e desejáveis para uma moda mais humana e consciente.





Considerações finais

Ao longo deste artigo, argumentou-se que o crochê atua como elo entre memória e identidade cultural, conectando gerações e preservando tradições afetivas e simbólicas. Mais do que uma técnica manual, ele se constitui como uma linguagem carregada de resistência, autenticidade e pertencimento.

A trajetória que levou à criação da marca *Noemia* exemplifica como práticas manuais podem se transformar em ferramentas de elaboração simbólica, expressão identitária e preservação cultural. Ao reinterpretar os saberes herdados da avó paterna com um olhar atual, a marca resgata vínculos familiares e os reintegra à moda por meio de uma proposta alinhada ao *slow fashion*. Cada peça, feita em crochê, carrega tempo, afeto e história, desafiando a lógica do consumo acelerado.

Essa perspectiva dialoga com Halbwachs (1990), ao mostrar que o fazer manual nasce de experiências compartilhadas. Também encontra respaldo na visão de Stallybrass (2008), ao reconhecer nos objetos artesanais uma capacidade de absorver significados profundos. Assim, o crochê transcende sua materialidade e se torna suporte de narrativas pessoais e coletivas.

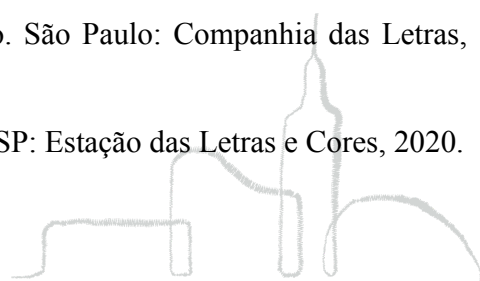
Além disso, frente aos impactos ambientais e à desumanização do sistema de produção em massa, o crochê representa uma resposta ética e estética. Seu retorno à moda atual não se restringe a uma tendência, mas revela uma busca por práticas mais conscientes, ancoradas no tempo do fazer, na autoria e na permanência.

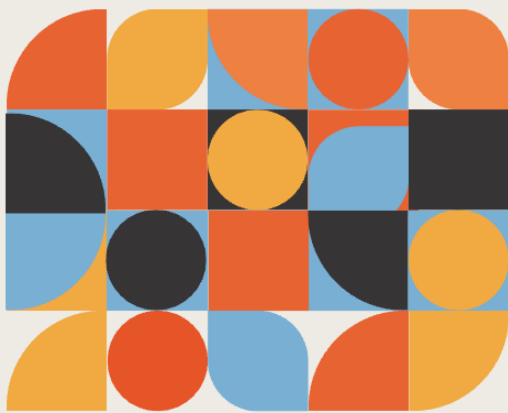
Conclui-se que o crochê é mais que um saber técnico: é continuidade cultural, reinvenção afetiva e resistência simbólica. Ao unir passado e presente, ele preserva a memória e reafirma o artesanal como linguagem viva na moda

Referências

ATWOOD, M. **A odisseia de Penélope**. Tradução de Claudia Azevedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BERLIN, L. **Moda e sustentabilidade**: uma reflexão necessária. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2020.





ELLIS, C.; ADAMS, T. E.; BOCHNER, A. P. Autoethnography: an overview. **Forum: Qualitative Social Research**, v. 12, n. 1, p. 1-18, 2011. Disponível em: <https://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/1589>. Acesso em: 14 nov. 2024.

FELIPPI, V. **Decifrando rendas**: processos, técnicas e história. Porto Alegre: Edição da autora, 2021.

FERREIRA, J. F. **O bordado na história da indumentária**: o gótico transposto para o contemporâneo. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Moda) – Universidade Feevale, Novo Hamburgo, 2013.

GREGORI, I. C. S. de; MAIER, J. P. O modelo de produção fast fashion na ótica da sustentabilidade. **Veredas do Direito**, Belo Horizonte, v. 20, p. 1-16, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vd/a/rHSTTT736dw5gDj43LnKGZt/>. Acesso em: 16 nov. 2024.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Sérgio Meira. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOFFMANN, A. Vestir um fio. In: ZORDAN, P. (Org.). **Contas**. Porto Alegre: UFRGS/IA, 2024. p. 32-41.

LEITE, A. M. **História das guerras**. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

MYZELEV, S. Yarn bombing: a feminist intervention in public space. **International Journal of the Arts in Society**, v. 9, n. 3, p. 39-50, 2015. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/24396693>. Acesso em: 14 nov. 2024.

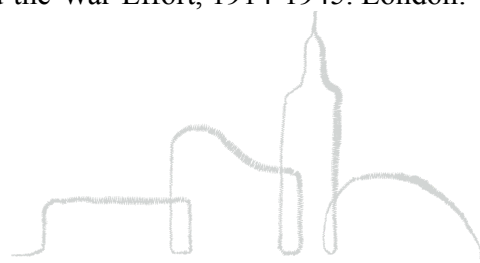
PALUDAN, L. **Crochet**: history & technique. Cambridge: Interweave Press, 1995.

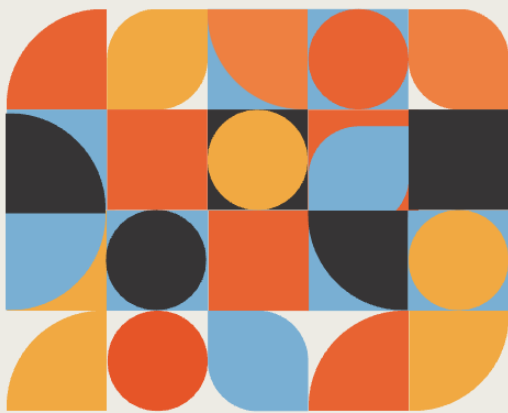
PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013.

SILVA, Emanuelle Kelly Ribeiro da. **Quando a Cultura Entra na Moda**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

STALLYBRASS, P. **O casaco de Marx**: roupas, memória, dor. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

SWEATMAN, Margaret. **Crafting for Victory**: Handmade in Britain and the War Effort, 1914-1945. London: History Press, 2019.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

TROIANI, K.; SEHNEM, S.; CARVALHO, C. S. M. Sustentabilidade e economia circular no ensino de moda. **Revista de Pesquisa em Educação**, v. 22, n. 1, p. 62-76, 2022. Disponível em: scielo.br/j/cebape/a/3gTQDxDVnyBHwyyY6tdgr9G/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 6 nov. 2024.

WILLIAMS, R. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

